

A influência do cangaço, na prosa regionalista.

SANTOS, Luciana dos.

mariana-dos@ig.com.br

NUNES, Antônia Maria. (Orientada)

Graduada em Letras/ Português, Mestre em Comunicação Semiótica, Prof^a do curso
Letras-Português da Universidade Tiradentes – UNIT.

nianunes@yahoo.com.br

RESUMO:

O homem nordestino surge no romance de trinta, através da incorporação sertaneja, que se insere em um mecanismo de desordem, mas cria diretrizes em um palco desagregado em terra e alma, assim a junção povo, cultura e literatura concebem o regionalismo, raiz motora que propicia a condição construtiva da realidade brasileira, avivada no imaginário social e imortalizada em uma literatura que assume uma dimensão abrangedora, que por sua vez evolui, em uma perspectiva estilística e lingüística. Resultando em literatura vinculada às matrizes populares, que converge em planos ideológicos, desenvolvidos no processo cultural, remetendo, às exigências externas, na qual concederam a transfiguração do homem nordestino, em elemento essencial para criação desses romances.

PALAVRAS CHAVE: cangaço, regionalismo, literatura.

A influência do movimento do cangaço, tendo como representante Virgulino Ferreira da Silva, no regionalismo.

1. Introdução

O cangaço que têm suas raízes num modo de vida nômade, grupal e autônoma, e como característica uma liderança dentro do próprio grupo, a qual, todos estavam subordinados, apresenta-se mais expressivo em meados do século XIX, quando a interferência estatal se configura nesse espaço, que até então estava alheio a uma sociedade desgastada em seus moldes, caracterizada por uma oligarquia tradicionalista. Visto que, os aspectos negativos conduziam estes à prática de atos ilícitos, que se inicia com a formação do jagunço, conseqüentemente, do cangaço, assim, atribuindo a reparação das injustiças ou propósitos de vinganças.

O homem sertanejo produto das relações estabelecidas em um ambiente historicamente marcado pelo princípio do cangaço, o sertão, é condicionado a um saber comum que lhe permite sistematizar seu conhecimento, ordenando um modelo que é próprio do contexto em que está inserido. Esse segmento faz parte do indivíduo como algo natural, ou seja, produto de uma ordem bárbara mais eficaz, que propicia uma forma de projeção social que perpetua no imaginário popular. Partindo de uma pluralidade cultural preexistente no nordeste, o movimento do cangaço tem maior relevância por representar uma categoria popular, o que faz surgir diversas definições a respeito deste, criando uma disposição em sobrepôr aos valores de uma cultura homogeneizada em seus moldes, uma cultura popular, tornando-a o foco central do conhecimento, ou seja, caracterizando-se como um movimento de caráter estritamente regional.

Assim, como afirma José Luiz dos Santos (1997, p. 59),

“Outro problema é que é muito difícil numa sociedade como a nossa estudar manifestações culturais que não estejam relacionadas às poderosas instituições dominantes e suas concepções [...] Isso vale para a literatura. Essa constatação pode levar a que nessas preocupações de que estamos falando se busque o mais popular do popular, que se tente

localizar na cultura o popular mais puro, um popular intocado e definitivamente original, que contenha ele sim o caráter revolucionário do saber em seu estado mais absoluto”.

Sendo assim, a cultura popular e suas manifestações se desenvolvem paralelamente independente da cultura dominante, que exerce o controle do saber, tanto científico quanto filosófico, conforme reafirma José Luiz Santos (1997, p.59), “é o conhecimento dominante que decide o que é cultura popular”. Se a cultura aristocrática era o cerne da literatura, surge nesse mesmo ambiente a literatura voltada para o popular, para o que era considerado pequeno, o esquecido, o arcaico, o rudimentar.

E nessa perspectiva, os romancistas regionalistas que têm como fonte de inspiração o cangaço, transpõem para a literatura, através de uma análise criteriosa por meio de uma investigação social, mostrando conforme a sua concepção a história destes homens fragmentados por uma sociedade que se pautava num modelo político já segmentado, visto que, essa narrativa em prosa regionalista se envolve de maneira verossímil com as manifestações populares, buscando o entendimento de sua lógica interna. Surgindo, assim, o ciclo nordestino que tem um diferencial em sua história, por relatar de forma minuciosa todo o panorama e a paisagem regional. Portanto, não há só uma caracterização dos personagens, mas do contexto histórico, político, social, econômico e natural, definindo-se como uma obra complexa, de uma autonomia singular, que do ponto de vista estético e formal extrapola todos os recursos.

Assim, o ciclo regionalista é enriquecido por uma série de temáticas como cangaço, que representa os valores culturais presentes na sociedade, principalmente a nordestina, como descreve Antônio Candido e José Aderaldo Castello (2001, p.31):

“E estava lançada uma das correntes mais poderosas da nossa literatura, que chamamos de regionalista para simplificar e nos conformes ao uso, mas que em muitos de seus produtos se desprende completamente dos elementos pitorescos, do dado concreto, da vivência social e telúrica da região. Na maioria dos livros, porém, esta existe como enquadramento expressivo, dando um peso da realidade e um elemento de convicção”.

Oriundos de fases distintas, os romances, se distinguem tanto no campo lingüístico, quanto no estilístico, projetando-se de maneira divergente, somando em linhas paralelas que

tornam a ficção, ora produto do meio, ora soma de relações externas. Além da relação do homem com o quadro social, surge uma inquietação com os problemas de conduta, o que reflete numa atmosfera de busca, representando as transformações sociais e os anseios. Dessa forma, a literatura reflete o que é produzido na cultura, recriando-a. Assim, romances como, Menino de Engenho e Cangaceiros, de José Lins do Rego e Os Desvalidos, de Francisco Dantas, delineiam traços pertinentes da figura dos cangaceiros. Partindo de uma concepção que se diverge em suas concepções ideológicas, o seguinte estudo tem como objetivo analisar a presença do tema do cangaço, em seus diferentes aspectos, buscando através de suas ações definir a visão, de cada romance.

Quanto se estuda a respeito da herança cultural, atribuída pelo o movimento do cangaço, observa-se até que ponto este enraizado nessa sociedade, visto que, as concepções se estabelecem através das relações antagônicas estabelecidas aos cangaceiros herói/ bandido. Essa divergência aparece conforme a sociedade a classifica, levando em conta os valores negativos e positivos, que são interpretados através de um senso comum, transcendendo o imaginário coletivo. E nessa perspectiva, verifica-se a presença de Lampião e outros cangaceiros, retratados de forma singular. Contudo, a comparação, das respectivas obras restringe-se a aplicação desses personagens defronte às situações que decorrem.

1. O regionalismo em face da literatura

O ciclo regionalista se caracterizou por enfatizar elementos culturais populares do país, com destaque o nordeste, conforme enfatiza Antônio Candido e José Aderaldo Castello (2001 p.31):

“O traço atuante do momento, foi, todavia, o advento do chamado romance nordestino, que correspondeu como nenhum outro as aspirações de liberdade temática, atenção ao concreto e vigor estilístico, que então predominavam pelo efeito combinado das transformações políticas e da doutrinação modernista”.

Desta maneira, os escritores, transitam em uma narrativa cujo traço fundamental se volta às tradições culturais, incorporado aos elementos da ficção: personagem, cenário, trama, entre outros, implantados em um ambiente sócio-geográfico nordestino, na busca de fornecer um retrato da realidade histórico-social.

Partindo de uma formação social enraizada nas tradições populares, a projeção do homem através de sua relação com seu quadro psicológico, assume como características denunciar e criticar a realidade circundante, o que se reflete em uma análise constante de toda a degradação, em que o homem, o meio e as forças superiores são determinantes. É em 1928, que se inicia o regionalismo, retomando as tradições nordestinas em prol da arte, extrapolando todos os recursos estilísticos, ou seja, segue-se um descompromiso com os padrões, que resulta em uma grande proximidade, adicionando um caráter verossímil e incorporando elementos renovadores da prosa nordestina.

Assim, o sertão, palco desagregado, fonte que emerge a condição do indivíduo, a uma vivência de irregularidades, tem na terra vermelha a proteção do cangaceiro que a mesma que escreve a sua história através de sangue, sendo parceiros nessa cruzada, o ambiente central das narrativas, é definido segundo Maria Aparecida Lopes com, (2004, p.9),

“um palco desmedido e, como tal, pode ser entendido como metáfora da recriação do mundo [...] O sertão arde impiedosamente, permitindo a constituição de uma memória que arremessa para apologia dos mitos, na qual é útil mover-se apenas segundo o tempo linear e o espaço geográfico. Essa visão permite vislumbrar um sertão reencantado que se impõe como um enigma”.

Pode-se observar que, a região então climaticamente fragilizada, decorrente do regime de chuvas irregular, e atrelada a outros fatores, tem a escassez como palavra de ordem, resultado de uma aspereza, rudimentar em seu aspecto, a terra avermelha rachada, decorrente de uma geografia desconstituída, esse é o palco sertanejo, que, por vezes, enfrenta a assolação perversa, mas que permite a recriação de imagens incógnitas, que desencadeiam um simbolismo, que se ampliam em um elo de significados no imaginário popular.

Tendo como objetivo superar a literatura vigente, busca-se uma ideologia nacionalista, assim, inserido nesta representação de criar as realidades brasileiras, decorrentes de modificações sócio-político e econômico, que têm por início a Quebra da Bolsa de Valores, em 1929, e a conseqüente desvalorização do produto nacional, o café, as oligarquias passam a ser questionadas, por conseguinte, ocorre a Revolução de 30, a Intentona Comunista, em 1935, o Estado Novo (1934-1945). Tais fatores vão propiciar um clima favorável de renovação das obras de cunho literário.

A partir de uma concepção baseada em um verdadeiro documento da realidade, o regionalismo, embasado em problemas de ordem político-social, abre um ciclo às raízes tradicionais, após trinta anos, demonstra um esforço de reconstituição histórica. É através de uma cultura de uma sociedade excluída, com crenças, saberes e uma história diferente da encontradas nos centros urbanos, que surge um novo modo de analisar figuras verazes, que estão historicamente concebidos nesse contexto. Nesta perspectiva Alfredo Bosi (1981, p 102), transcreve a condição da prosa regionalista: “O nordeste [...] tem concorrido com uma copiosa literatura ficcional que vai do simples registro de costumes locais abertos à opção de crítico engajamento que as condições da área exigem”.

E nesse contexto, os romancistas regionalistas têm como fonte de inspiração nas raízes populares, o cangaço, e conduzido para a literatura, através de uma análise criteriosa por meio de uma investigação social, trabalhada em cima da cultura que se dissipou no imaginário popular. O período que antecede o regionalismo tem seu marco inicial com o Modernismo, cujo movimento renovador tem como pretensão uma consciência crítica. Dessa forma, esse movimento produziu uma grande inovação na literatura brasileira. O romance já consolidado se afirma em autonomia tanto estética quanto temática. Desta maneira, o cangaço, projeta-se em obras como Menino de Engenho (1977), Cangaceiros (1976), de José

Lins do Rego e o Os Desvalidos (1997), Francisco J.C Dantas, através das quais, incide a figura do cangaceiro, cada um com visões e ideologias diferentes..

Na tentativa de estabelecer uma ponte entre o intelectual engajado no processo de transformação social e o povo, a literatura regionalista transita nas regiões nordestinas, e os personagens se personificam, reproduzindo o modelo comum que corresponde ao modelo verossímil. Como descreve Afrânio Coutinho (1997 p.272):

“Em resumo, da temática brasileira para a ficção, através de todo o processo de recriação artística e tratamento literário, e artesanato formal e estrutural, os gênios individuais dos artistas perfazem a galeria diversidade das obras, todas elas de cunho brasileiro. Por isso, o romance brasileiro é peculiar e tem mensagem própria”.

Desta forma, o modo de vida social, engaja-se na literatura, produto de um processo, que condiciona os escritores, e direcionam a interdependência do homem e terra, expressados em voz denunciadora e propagadora de uma cultura massificada e desconsiderada nos moldes sociais. Visto que, cada contexto social corresponde às exigências em voga, o ato de liberdade expressa através da recriação, surge como um elo de símbolos que combinam, saberes da tradição, natureza e cultura, que resultam em uma literatura concreta, consistente em seus moldes estéticos e lingüísticos, pois, traduzem uma condição coletiva, portando, partindo do confronto homem e terra, que se compreende por “romance Nordestino”, conforme descreve Nelson Tamazi (2000, p.198-9) “Uma das preocupações do Movimento Modernista, [...] era mostrar o Brasil aos brasileiros, coletando elementos do cotidiano da população, expressões, expectativas e costumes”.

Desta forma, a busca do herói brasileiro encontra-se nas raízes do povo, entrelaçado no fabuloso, imaginário, que levam ao extremo as relações dos personagens em face à obra, transpondo para a literatura, o verossímil é apresentado através do misticismo embutido na sabedoria popular, que se torna ampla, pela grande diversidade de interpretações que circundam as suas histórias e seu modo de transpor o real pra o imaginário, adornando as formas e o cerne desse entendimento popular. E a literatura traz desse movimento o que há de

mais puro, recriando e traduzindo de forma clara, enriquecendo não somente as obras, mas a forma de enxergar esse espaço.

2. Lampião e os cangaceiros: realidade do sertão

Na sucessão de líderes que marcaram presença no “reino” do cangaço, tornando-se “autoridades”, dentro dos bandos, no decorrer dos séculos, a fama tem início com Cabeleira, seguido posteriormente por João Callangro, Jesuíno brilhante, Rio Preto, Cassimiro Honório, Antônio Silvino, Sinhô Pereira, sendo que nesta última linhagem quem tem destaque é Virgulino Ferreira da Silva, que tinha sob seu comando cento e vinte homens espalhados pelas regiões nordestinas.

De origem humilde, filho do fazendeiro José Ferreira da Silva, que trabalha como almocreve, e Dona Maria Lopes, Virgulino Ferreira da Silva nasce em 7 de julho de 1897, no sertão de Pernambuco. Assolado por conta de um glaucoma que lhe roubou a visão do olho direito, auxiliado por um acidente com a ponta de pau, este não foi impedido de tornar-se um vaqueiro hábil, na qual se aperfeiçoou, sendo reconhecido como um bom cavaleiro e também como amansador de animais.

A partir de uma desavença entre os fazendeiros das fazendas vizinhas, sendo um dos proprietários Saturnino Alves Barros, o pai de Virgulino, que viu-se obrigado a vender a fazenda da serra Vermelha, mudando-se para o Poço do Negro, próximo ao vilarejo de Nazaré, onde há outro conflito, nova mudança, dessa vez, para o estado de Alagoas, município de Asa Branca, na qual, Virgulino e seus irmãos passam a colaborar com um grupo de cangaceiros chefiados por Pedro Porcino, Manuel e Antônio. Assim, progressivamente engajou-se no cangaço, agindo de forma independente, com o ataque à vila, torna-se conhecido. Vítima de uma emboscada, seu pai é assassinado, logo em seguida sua mãe morre, dessa forma, abraça o ofício ilegal, tornando bandido profissional ou como

mencionada na obra de Francisco Dantas, *Os Desvalidos* (1997), “cangaço militante”, em que através da fala do próprio cangaceiro, o cangaço seria um ofício, um paradigma de vida para os injustiçados dessa sociedade.

Tomando a frente do maior bando de cangaceiros, que fez fama no sertão, Lampião ainda pode contar com a ajuda de diversos protetores, informantes e fornecedores, os denominados coiteiros. Estes eram médicos, coronéis, fazendeiros e até mesmo religiosos, o que permitiu que seu domínio se estendesse por diversas regiões nordestinas, pois facilitavam as suas fugas, os embates com a volante, e outros, além de fornecer armamento. Portanto, há que se considerar a forma de organização do seu bando, de se locomover pelo sertão, e causar as mais diversas impressões por todo o seu processo de vivência no cangaço, pois a vasta área percorrida pelo bando de Lampião demonstra habilidade em reconhecer toda região sertaneja.

O seu reinado tem fim em 1938, na fazenda de Angico em Sergipe, sendo surpreendido pela volante de João Bezerra de Alagoas, juntamente com a sua esposa Maria Bonita e os alguns cangaceiros, Lampião foi assassinado, conseqüentemente. As cabeças foram degoladas ficando expostas em praças públicas, como define a pesquisadora Maria Rosário Caetano (2005, p.27), “Decepadas ainda na Grota de Angico, em Sergipe, elas foram expostas na escadaria da prefeitura de Piranhas, Alagoas, numa espécie de altar macabro, enfeitando com cartucheiras, fuzis, embornais bordados. Depois, seguiram de município em município, em cruzada exemplar. Assim, como forma de repressão o governo expunha”. Portanto, uma das formas de intimidação do governo, foi manifestada através prática bárbara, pois, a exposições das cabeças, de Lampião e de alguns dos cangaceiros, difundiam o medo e a repressão nas sociedades nordestinas.

Inseridos em um ambiente, cuja política de justiça é feita pelos próprios viventes, acostumados a resolver suas pendências através do que por eles é considerado lei, ou seja, guerrear e matar como forma de solucionar as rivalidades resultantes dos mais diversos tipos

de conflito, esses cangaceiros são representantes dessa prática. A interferência da justiça pública não havia se feito presente até então, o que permitiu que esse tipo de prática se tornasse comum uma pequena briga de vizinhos ou algo de maior relevância, como roubos ou assassinatos, eram resolvidos da mesma forma, matando ou rapinando, se fazia, assim, pois, era considerada forma justiça. O rifle era representação máxima do poder.

O comportamento de Lampião e outros cangaceiros, refletido principalmente em suas práticas, adquire uma dimensão no imaginário popular que transcende, muitas vezes, o real, por conseguinte cria uma dicotomia entre o homem bom, que ajudava e só agia de tal forma por conta das injustiças sofridas, e o homem mal, que agia por crueldade, por puro instinto selvagem, sem nenhuma justificativa par agir de tal maneira, ou seja, heroísmo versus anti-heroísmo. Que não se define e nem se encerra nessas duas concepções do ser, enquanto cangaceiro, pois divaga além do que a história contada possa mostrar.

Assim, na busca do herói ou anti-herói, o homem do sertão, produto do ambiente segmentado em seus aspectos sócio-políticos, advindo de um comportamento primitivo, isto é, movido pelos instintos, segundo observa Maria Aparecida (2004 p.11): “Como se pode perceber nessas ações e pensamentos, o conhecimento do sertanejo, ordena, classifica e sistematiza, construindo um conjunto de saberes da tradição”, desta maneira, o homem sertanejo assume uma dimensão, que resulta em circunstância procedida de uma organização baseada nos elementos de um senso comum, adquirido em um universo complexo, que permite comportar o conhecimento que explica uma totalidade, entre o homem e o universo.

Essa caracterização desfigurada de Lampião, e apresentada de maneira precisa e lingüisticamente surpreendente, em que a fama de um herói, não condiz com os aspectos físicos, a figura de Lampião, torna-se o de certa forma, o retrato de uma ambiente rudimentar, em que a sociedade apresenta um aspecto primitivo, ou seja, motivada pelos seus instintos sendo assim descrita, a figura do cangaceiro, em *Os Desvalidos* (DANTAS 1997 p.150);

“[...] desinfeliz escorraçado, sem esteio de nenhuma vaidade, cheio de borra e maus tratos na pedra da feia cara encardida, com um lote de anéis de garra suja, e uns atavios estraçalhados. Ninguém enxerga nele a bela coragem de homem destemido, a audácia descontrolada em bárbara grandeza de quem enfrenta sozinho a milícia do governo. [...] Fazem é gozar o espetáculo de vê-lo assim, xambouqueiro, de calça arrochando as perninhas de cambito, adornado pelas cartucheiras que não desatreia; o olho nojento repuxando a fonte descarnada: cachorro diminuído, como um palhaço mangado metido nos seus andrajos. E ali mesmo os dois se decompõem alarmados diante da figura desconforme com a fama de herói”

Desta mesma forma, a descrição acima condiz com a de Frederico Mello (2005, p.20), “Moreno tipo cabloco – que é mistura brasileira do branco com o índio – alto de 1,80m cego de um olho, manco, meio corcunda, sem cultivar barba ou bigode, óculos profissionais a desenharem o rosto. [...] Mas era o chefe. E chefe de autoridade jamais discutida”. Observa-se que aparentemente Lampião não tinha atributos físicos que geralmente são encontrados em heróis, o que lhe difere são suas ações bárbaras praticadas ilegalmente.

Transpõe-se, dessa forma, o real para o fictício, que se desdobra na imagem do pensamento popular, mas que se transforma em algo além do imaginário, é algo que passa a ter sentido próprio dentro da literatura. Visto que, cada contexto social corresponde às exigências em voga, o ato de liberdade expressa através da recriação, surge um elo de símbolos que combinam os saberes da tradição, natureza e cultura, que tem como resultado uma literatura concreta, consistem em seus moldes estéticos e lingüísticos, que por sua vez, traduzem a condição coletiva, portanto, a sobrevivência estimulada entre o conflito homem e terra.

3. Herói ou Bandido: visões antagônicas

A partir da caracterização de um personagem, visa-se a interdependência entre o indivíduo e o meio social, a indagação se volta sobre a ação dos heróis na história e a sua função social que remete a toda sua significação, acarretando influências no modo de agir e pensar de indivíduos de uma determinada sociedade, precisamente a nordestina.

Fundamentando-se no princípio de que a literatura parte da realidade, o regionalismo, procura configurar-se, sistematizando os costumes em voga, resgatando a cultura, em junção primorosa, povo e literatura, fator enriquecedor que se manifesta de maneira conflituosa, gerando na população múltiplas interpretações, quanto ao comportamento desses bandos, que em parte são vistos como sanguinários em parte como heróis.

Em *Meninos de Engenho*, obra de José Lins do Rego, a imagem do cangaceiro está representada por Antônio Silvino, é através da personagem central que se desencadeia a relação mito e realidade, assim descrita na obra, (1977, p.18): “O nome do cangaceiro era bastante para mudar o tom de uma conversa. Falava-se dele baixinho, em cochicho, como se o vento pudesse levar as palavras”, ou seja, o cangaceiro na narração é a princípio – num duelo da figura do herói e do bandido – herói para as crianças que o atrelava a um rei, (1977, p.18), “[...] um dos nossos brinquedos mais preferidos era a de fingirmos de bando de cangaceiros, com espadas de pau e cacetes no ombro, e o mais forte dos nossos fazendo de Antônio Silveira”, enquanto, para os fazendeiros era a imagem do medo e crueldade, conforme demonstra trecho anteriormente citado.

Contudo, a dubiedade em torno do universo cangaceiro, que oscila ora em torno do bandido sanguinário, ora em torno do bandido social, posiciona diretrizes divergentes que se alternam nas visões do protagonista do Menino do Engenho, resultado de uma produção oral, que abrange uma perspectiva entre mito e realidade, propiciando elementos que condicionam a reinterpretação do imaginário coletivo, através das atitudes incorporadas e aspirações, nesse misto de definições em torno do cangaceiro, como traduzido na fala do protagonista de *Menino de Engenho* (REGO, 1977, p.19), “[...] Mas com meu avô, o bandido não tinha rixa alguma. Naquela noite viria fazer a sua primeira visita”. Desta maneira, a construção de sua imagem recorre a tempos do coronelismo, na qual a troca de favor, regularmente, determina a

condição do indivíduo, embora fosse bandido, por não dever obrigação, desnorream a ação da barbárie dos cangaceiros.

Em *Cangaceiros* (1976) a palavra desordem adicionada à ação bárbara, em uma visão negativa, se instaura na forma conflituosa, do homem sanguinário movido pelo instinto selvagem, apropriando-se dessas figuras, como relatado:

“os cargueiros passavam pelas estradas com medo dos cangaceiros que não estavam respeitando as volantes. Atacaram Jurema e como o destacamento tivesse reagido aos primeiros tiros, não ficou vivo nem um soldado. Sangram a todos. O delegado, um tal Major Quaresma, teve toda família massacrada.”

Apoiando-se na combinação retratada em uma relação degenerada da condição humana, ou seja, banalização do comportamento aflorado por uma existência selvagem, que segundo Frederico Pernambucano de Melo (2004, p.23), “Esse mundo de despotismos incríveis em que se forjam os guerreiros do sol, na luz viva do meio e com aço temperado da mestiçagem”, desta maneira, o que os condiciona, os procedimentos de ordem, se pautam, em ação ilegal, em tempos que a justiça pública não tem controle, sobre esses mecanismos que se desenvolveram como procedimentos punitivos, “a vingança”, que se como entranha em bandido pronto para combater as impunidades políticas.

Já em *Os Desvalidos* (DANTAS, 1997, p.199), através da fala de Lampião que se coloca como vítima da injustiça pública, a ilegalidade é a palavra que ordena os mecanismos tradicionais, em que a punição decorre de uma sociedade alheia às reparações sociais, que tem como porta voz o próprio cangaceiro, “o mundo só não se endireita devido à moleza de quem é mofino, que não procura o seu direito fora da lei safada do governo. Virgulino só mata por precisão, que traidor não é gente”, visto como o ‘reparador de injustiças’ a marca impressa pelo cangaceiro se reflete com base na reconstrução social, que segundo o próprio denomina de “cangaço militante”, é mediada pela ordem bárbara, que está incorporada na instabilidade política. Como define Nascimento (2003, p.14): “Demograficamente pouco evoluída, a sociedade sertaneja enfrentava a ilegalidade e a desordem o que possibilitou o reaparecimento

de fortes grupos armados”. Observa-se que a falta de intervenção dos estados com políticas públicas voltadas para essa população propiciaram o surgimento de grupos, denominados bandos, que agiam de forma ilegal por toda a região nordestina, essa vasta região se torna campo para a guerra jagunça.

Convém ressaltar que, essas formações de cangaceiros independentes, os submetiam a um líder, o tendo um modo de vida rude, que somam interpretações perpetuadas no imaginário coletivo. Desta maneira, o modo de vida dos cangaceiros é apontado por Graciliano Ramos que os conheceu pessoalmente, e apresenta-se citado por Dória (1982, p.81): “Convém voltar os olhos para essa gente miúda que constituía a massa do cangaço, gente anônima que, aos milhares, sustentou a existência dos vários bandos durante quase um século”. Portanto, bandos cangaceiros permaneciam subordinados a um líder, em que se submetiam a uma disciplina rígida, evidenciando a relação de dominação, o que demonstra um processo de organização social dentro do próprio bando.

Contrastando com a idéia de bandido sanguinário, surge um homem forjado ao meio que o cerca, mas que reflete, e que por hora se sensibiliza, indagando a sua própria existência, como se observa em *Os Desvalidos* (1997, p.186),

“Com esta sua mulher, jazida de balsâmicos milagres, queria ter tudo e não tem nada[...] A vida só presta mesmo quando a gente tem fé de arranjar um lugarzinho decente, de ajeitado sossego, e um lote de mercadorias pra guarnecer de verdade a mulher que se quer bem[...] Ah! Me livrar para sempre desta caatinga de suor encasacada a pó de terra e borra de alguma pólvora[...] Quem me dera um mundo diferente”.

Sendo assim, parte-se de uma visão humanizada de Lampião, o cangaceiro quando se depara com a solidão, o pensamento o habita em incertezas, que remetem a possibilidades acerca de uma vida que não tivera. Desta forma, passa a refletir sobre suas atitudes, que permeiam entre o sonho e a realidade, buscando uma trajetória, cujas circunstâncias lhe proporcionam, sem escolha, sua existência condicionada a uma pressão permanente, que bruscamente invalidou a uma permanência existencial diferente da que tivera sido submetido, devido às circunstâncias que o cercam. Se tivesse uma história comum, talvez impossibilitasse

de residir na história nordestina. A história construída pelos cangaceiros reflete a posição de uma sociedade que esteve por muito tempo esquecida, recriando um espaço que vai delimitado, para estes possam fincar a sua história na literatura, através de suas manifestações populares de maneira verossímil na tentativa de buscar um herói cujas características se enquadre com as exigências do seu contexto.

4. Considerações finais

Partindo de um momento na literatura, o regionalismo, abrangeu tematicamente a história do nordeste, buscando no povo herói brasileiro, enriquecendo-se tanto esteticamente quanto lingüisticamente, essa renovação resultou em um caráter verossímil que se apoiou em uma cultura ampla e reinventada no imaginário popular.

Assim, a junção literatura, povo e cultura condicionam a uma reflexão social e ideológica, para que se possa observar toda a herança cultural oferecida por uma literatura regional, coerente com as características populares. Portanto, nesse contexto a conscientização destes autores, cria uma perspectiva, com temáticas adicionadas a personagens esquecidos, sem um porta voz. Os romancistas contemplam essa gente atuante em diversos estados nordestinos, enriquecidos pelos elementos da geração modernista associadas a algo fantasiosamente real: a cultura popular.

Compromissados com uma literatura denunciadora, esses autores elencaram uma ideologia voltada para a discussão das problemáticas nordestinas, mais especificamente do sertão, surgindo a partir daí um romance amadurecido, crescentemente perfeito em seu equilíbrio psicológico e sociológico, coerente com as exigências do movimento do qual derivava, resultando em uma nova forma de ler e narrar, sobrepondo-se a um plano narrativo, ou seja, a mistura de gêneros.

Portanto, os romances regionalistas formam uma única história, história cujo princípio se volta para a arte popular com caráter denunciador, dando voz a uma massa martirizada por fatores acima expostos, que sem perspectiva, porém embutidos de ideologia, se sobressai, centralizando estes indivíduos frente à sociedade. A contribuição cultural herdada por esta se torna presente e o forte caráter do cangaceiro consagra o nordestino. A essa atribuição se derivou a “valentia”. Pesquisar os mitos nordestinos é estudar a história nordestina, e nisso esses escritores tão bem divulgaram através da literatura nacional regionalista, fruto do romance, que se processa nas experiências, que inicia um plano de reflexão, que direta ou indiretamente procuravam focar as condições de existência, enfocando tanto a cultura e a ideologia, transpondo uma postura decisiva e mutável em uma fase intensa, ocorrida na década de 30.

O homem descrito na literatura regionalista traz consigo um misto de sentimentos, é o chão seco, a terra rachada, o semblante desfigurado, a mão calejada, e ao mesmo tempo, um modo singular em conviver com tudo isto, é neste sentido que a materialização do homem sertanejo, especificamente o cangaceiro, se dá atrelado a uma das suas faces, que divaga entre a luta pelas injustiças e a vingança, refletindo a dubiedade de visões a respeito da figura do homem cangaceiro – herói X bandido. Ao enfatizar as características da cultura nordestina, através dos seus mitos e personagens a literatura regionalista, recria um espaço, um cenário, um contexto se diferenciando do que então era considerado de mais inovador. Transpor a maneira como os fatos se sucedem nesse ambiente aviva uma nova forma de fazer a literatura brasileira, e nesse sentido o regionalismo se destaca por engendrar o verossímil e o imaginário, de modo que, há a junção do que é mais característico no nordeste.

E nessa perspectiva que centraliza o homem frente a sua problemática existencial, construindo um referencial que se baseia neste homem e o meio, atrelando-se a realidade que o cerca, corroborando espaço e tempo para elucidar um cenário segregado, que delinea-se o

sertão. As obras destacadas neste artigo representam essa recriação do espaço nordestino e, mais do que isso, do cangaço, principalmente na figura de Lampião, mostrando através de suas concepções a forma de inserção deste no contexto sócio-político, econômico e cultural, de uma sociedade tradicional que desconsiderava esse movimento, enquanto uma resposta aos anseios de uma gente esquecida.

Desse modo, refletir a representação do movimento cangaço, a partir de uma organização decadente a base de ações bárbaras, que se justifica pela inserção do contexto social, pois, a solução violenta, que derivava um grupo autônomo, de uma existência arcaica, produto de ilegalidade, que a tempos sustentou esse modelo de vida, que fora finalizada de forma repressiva, mas, que transpôs os seus valores na sociedade nordestina, na qual, pressupõe que a valentia e características do homem do nordeste. Portanto, esses conjuntos de saberes tradicionais, produto de intuição que automaticamente sistematiza suas ações, em uma região que a ela se ajusta, e se combina com um elo de símbolos, que resulta em uma literatura concreta, consistente em seus moldes estéticos e lingüísticos, traduz-se, assim, a condição do imaginário coletivo, tendo em vista a tradução atuante do sertanejo em face da literatura regionalista.

5. Referências Bibliográficas

ABALA, Júnior Benjamim. Tempos da literatura brasileira. 3ª ed. Ática. 1990.

BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira. 3ª ed. São Paulo. Cultrix. 1981.

CAETANO, Maria do Rosário. O Cangaço, o nordestern no cinema. São Paulo. Avathar.. 2005.

CANDIDO, Antonio. Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária. São Paulo. Editora Nacional. 1975.

- CANDIDO, Antonio e CASTELO, José Aderaldo. Presença da literatura brasileira: Modernismo, história e Antologia. 12ª ed. Rio de Janeiro. 1996.
- CASTELLO, José Aderaldo. A literatura brasileira. vol 1. Edusp.1999.
- COUTINHO, Afrânio. A literatura no Brasil. Vol. 5. 4ª ed. Global editora. São Paulo. 1997.
- DANTAS, Francisco J. C. Os Desvalidos. 1ª ed. São Paulo. Companhia das Letras. 1993.
- DÓRIA, Carlos Alberto. O cangaço. 3ª ed. São Paulo. Brasiliense. 1982.
- FACÓ, Rui. Cangaceiros e fanáticos. 2ª ed. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 1965.
- MELLO, Frederico Pernambucano de. Guerreiros do Sol. 2ª ed. Recife : Mansagana. São Paulo. A girafa. 2004.
- NASCIMENTO, JOSÉ Anderson. Cangaceiros, volantes e coiteiros. Aracaju. Academia Sergipana de Letras, 1996.
- REGO, José Lins do. Meninos de Engenho. 21ª ed. José Olympio Editora. Rio de Janeiro, 1977.
- _____, Cangaceiros. 6ª ed. José Olympio Editora. Rio de Janeiro. 1976.
- SANTOS, José de Luiz dos. O que é cultura. 14ª ed. São Paulo. Brasiliense, 1994.
- TAMAZI, Nelson Dácio. Iniciação à sociologia. 1ª ed. Editora Atual. São Paulo. 2000.